

**Walkiria Neiva Praça**  
(Universidade de Brasília)  
**Marina Maria Silva Magalhães**  
(Universidade de Brasília)  
**Aline da Cruz**  
(Universidade Federal de Goiás)

## **Indicativo II da família Tupí-Guaraní: uma questão de modo?**

**ABSTRACT:** This paper aims at propose a new interpretation for the structure traditionally known as 'Indicative II', found in Tupí-Guaraní languages, a subgroup of Tupi stock. For this purpose, we analyze the historical development of for languages of the family: Tupinambá, Apyãwa, Guajá and Nheengatú. The paper defends the hypothesis that the adverbial expressions moved to the first position of the sentence trigger a nominalization of the predicate, which used to function in the basic clause as main predicate. Moreover, we present a possible interpretation for the historical development of these constructions and we associate their characteristics different degrees of preservation of the omnipredicative pattern. As result, we observe that the reduction of the productivity of the construction seems to be associated to a gradual loss of omnipredicative property of the languages.

**Keywords:** Tupí-Guaraní language family; Nominalization; Indicative II; Omnipredicativity; Historical Syntax.

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo apresentar uma nova interpretação para a estrutura tradicionalmente conhecida como Indicativo II, no âmbito da família Tupí-Guaraní, um subgrupo do tronco linguístico Tupí, por meio da análise de quatro línguas da família: Tupinambá, Apyãwa, Guajá e Nheengatú. O estudo apresenta a hipótese de que as expressões adverbiais deslocadas para a primeira posição da sentença ativam um tipo de nominalização do predicado que na oração básica funcionava como o predicado principal. Além disso, apresentamos uma possível interpretação para o desenvolvimento histórico de tais construções e relacionamos suas características a diferentes graus de preservação do padrão tipológico omnipredicativo. Como resultado, observamos que a redução da produtividade da referida construção parece estar associada à perda gradativa das propriedades omnipredicativas das línguas.

**Palavras-chave:** Línguas Tupí-Guaraní; Nominalização; Indicativo II; Omnipredicatividade; Sintaxe Histórica.



A interpretação desse fenômeno gramatical como uma forma de alteração na categoria de modo carece de base em estudos tipológicos, particularmente nos estudos a respeito das categorias gramaticais de modo e modalidade. Nos estudos gramaticais sobre línguas europeias, particularmente o Latim e as línguas românicas, o termo indicativo é utilizado para contrastar verbos flexionados no modo indicativo daqueles flexionados no modo subjuntivo. Ainda que haja certa discordância a respeito da base semântica do contraste entre indicativo/subjuntivo, há uma certa concordância na literatura especializada em conceber modo como a expressão flexional da modalidade (cf., por exemplo, Bybee, Perkins and Pagliuca 1994; Nordström 2010). Se este é o caso, qual seria a validade para estudos tipológicos de se considerar uma forma nominal do verbo como uma instância de “modo”, como estabelece a definição proposta por Rodrigues (1953) para o termo “indicativo II”?

Neste artigo defenderemos a hipótese de que tais modificações morfológicas no núcleo do predicado das orações principais poderiam ser interpretadas como um tipo particular de nominalização. A nominalização é uma característica muito comum às línguas da família Tupí-Guaraní, e um número considerável de nominalizadores tem sido reconstruídos para o Proto-Tupí-Guaraní (Jensen 1999). Documentos do século XVI registram oito diferentes tipos de nominalizações em Tupinambá (Rodrigues 1953). Outras línguas descritas mais recentemente, como o Apyãwa (Ap), conhecida mais comumente como Tapirapé, e o Guajá (Gj), apresentam grande parte das nominalizações encontradas no Tupinambá e nos permitem, dessa maneira, verificar a produtividade de processos nominalizadores nas línguas dessa família. Contrastivamente, o Nheengatú<sup>2</sup> (Nh), uma língua geral descendente do Tupinambá, apresenta formas e funções inovadoras das nominalizações.<sup>3</sup> Tais inovações indicam profundas mudanças tipológicas, como a extensão das funções das nominalizações mais comuns, ao mesmo tempo em que houve a perda dos nominalizadores menos produtivos, incluindo, de acordo com a nossa hipótese, a marca tradicionalmente tratada como Indicativo II que será aqui discutida.

Neste artigo, ao compararmos as formas e funções das construções com expressões adverbiais em primeira posição em Tupinambá, Apyãwa, Guajá e Nheengatú, propomos que a existência de tais construções nas três primeiras línguas indicam seu elevado grau de omnipredicatividade – termo cunhado por Launey (1994) e que se refere a um tipo de língua cujas características podem estar associadas à tipologia não-configuracional, como definida por Hale (1983). O Nheengatú, por sua vez, perdeu a maior parte das características omnipredicativas, o que pode ser diretamente relacionado às inovações no âmbito dos processos de nominalização, incluindo a que aqui abordaremos.

---

<sup>2</sup> A parte desta pesquisa relativa à língua Nheengatú foi financiada pelo projeto CNPq (482555/2013-0).

<sup>3</sup> Para uma discussão a respeito do desenvolvimento histórico das nominalizações em língua da família Tupí-Guaraní, cf. Cruz & Praça (em preparação).

O artigo está assim organizado: na seção 2, apresentamos brevemente as quatro línguas tratadas neste estudo. Na seção 3, descrevemos a característica omni-predicativa das quatro línguas de terem as principais entradas lexicais funcionando como predicado e relacionamos essa propriedade ao maior ou menor grau de conservação da omni-predicatividade dessas línguas. Na seção 4, enfocamos o uso das expressões adverbiais (sintagmas adverbiais e sintagmas posposicionais) em função de predicado nas quatro línguas. Na seção 5, descrevemos as características centrais das construções com expressão adverbial em primeira posição nessas línguas. Após descrever as principais características desse tipo de construção nas quatro línguas, apresentamos, na seção 6, um quadro comparativo das especificidades do fenômeno em cada uma das línguas. Por fim, concluímos o artigo com a justificativa da hipótese defendida ao longo do trabalho de que expressões adverbiais em primeira posição na oração ativam um tipo específico de nominalização (ou de subordinação, como será discutido) do predicado anteriormente principal.

## 2. As línguas

Nesta seção, fornecemos informações breves sobre as quatro línguas aqui analisadas: Tupinambá e sua descendente Nheengatú; Apyãwa e Guajá. O Tupinambá foi, dentre as diversas línguas faladas no Brasil no período colonial, a primeira língua com a qual os colonizadores portugueses tiveram contato. Muitos registros desta língua foram realizados entre os séculos XVI e XVII. Exemplos de documentações conhecidas incluem poemas e peças de teatro escritos por Anchieta (1977 [século XVI]); uma gramática elaborada por Anchieta (1990 [1595]) e outra por Figueira (1880 [1621]); um catecismo escrito por Araújo (1618); e diversos vocabulários. Por meio desses documentos é possível analisar a extinta língua Tupinambá.<sup>4</sup> Com relação às construções com expressões adverbiais em primeira posição, tema central deste estudo, análises anteriores desse tipo de construção na língua Tupinambá foram realizadas por Rodrigues (1953, 1996 e 2010).

De acordo com antigas documentações históricas do Brasil, o Tupinambá foi uma língua amplamente difundida na costa do país. Por esta razão, foi usada como língua de comunicação interétnica. A partir do século XVII, o Tupinambá passou a ser difundido na região amazônica, de modo que acabou por sofrer mudanças gramaticais profundas, tornando-se uma língua geral, que a partir do século XIX, passa a ser conhecida como Nheengatú (*nheen* ‘língua’, *katu* ‘bom’, a língua boa). Atualmente, o Nheengatú é falado por aproximadamente 8.000 pessoas no Alto Rio Negro (Moseley 2010), particularmente por descendentes de povos Arawak; mais especificamente, os Baré do Alto Rio Negro, os Baniwa do Baixo Rio Içana e os Warekena do Rio Xié. No decorrer do século XX, esses grupos substituíram suas línguas Arawak tradicionais pelo Nheengatú, que foi adotado por eles como língua materna. Aspectos da morfossintaxe do Nheengatú moderno foram estudados por Moore, Facundes e Pires (1993) e, mais recentemente, por Cruz (2011).

---

<sup>4</sup> Apesar de utilizarmos os dados do Tupinambá apresentados por diferentes autores em diferentes períodos e lugares, o fenômeno aqui analisado encontra-se registrado da mesma maneira em todas as referências.

Enquanto os falantes de Tupinambá tiveram contato com colonizadores portugueses desde o século XVI, os falantes de Apyãwa e Guajá apenas estabeleceram contato, ou melhor, foram contatados por não-indígenas, no século XX. Essa situação pode ter permitido que essas línguas tenham mantido características morfossintáticas mais conservadoras.

O Apyãwa é falado por aproximadamente 950 indivíduos que vivem em duas Terras Indígenas (TI), a saber, TI Tapirapé/ Karajá e TI Urubu Branco (Tãpi'itãwa), no nordeste do estado do Mato Grosso, no Brasil. Apesar de muitos estudos terem analisado aspectos morfossintáticos da língua Apyãwa (cf., por exemplo, Almeida *et al.* 1983; Leite 1990; Praça 2007), as construções com expressões adverbiais deslocadas para a primeira posição da sentença foram apenas brevemente analisadas por Praça (2001 e 2007).

O Guajá é falado por cerca de 450 indivíduos que habitam quatro TIs no noroeste do estado do Maranhão, no Brasil: TI Caru, TI Awá, TI Alto Turiaçu e TI Araribóia. É uma língua ainda pouco estudada, uma vez que o contato com seus falantes, em sua maioria monolíngue, ocorreu apenas na década de 1980. Há apenas uma tese de doutorado sobre ela (Magalhães 2007), na qual as construções denominadas de indicativo II são apresentadas superficialmente.

### 3. O caráter omnipredicativo das línguas Tupí-Guaraní mais conservadoras

De acordo com Lemos-Barbosa (1956: 393), uma das características mais notáveis do Tupinambá é a de que “a distinção verbo-nome não é nítida, pois todo nome pode tornar-se predicativo, e todo verbo no infinitivo é um verdadeiro nome. Os mesmos parecem ter dois ‘status’: o verbal e o nominal” (Lemos Barbosa 1956: 393).

A observação feita por Lemos-Barbosa (1956) sobre o Tupinambá tem suporte em análises de várias outras línguas Tupí-Guaraní. Queixalós (2006) defende a hipótese de que membros dessa família são descendentes de uma língua na qual todas as entradas lexicais eram predicados – um padrão denominado de “omnipredicatividade”, conceito proposto por Launey (1984) para o Nahuatl. É importante ressaltar que a classificação de uma língua omnipredicativa não se restringe a essa propriedade, no entanto, para a compreensão do fenômeno abordado neste artigo, enfocaremos apenas a capacidade predicativa transcategorial das línguas Tupí-Guaraní.<sup>5</sup> Assumindo a hipótese de Queixalós (*op.cit.*), consideramos que as propriedades omnipredicativas foram mantidas em Tupinambá e, de acordo com Praça (2007), também permanecem em Apyãwa. Já os dados do Guajá nos permitem classificá-lo como uma língua que vem perdendo gradativamente suas características omnipredicativas. Por sua vez, o Nheengatú avançou muito na perda das características omnipredicativas e atualmente é melhor classificado como uma língua não-omnipredicativa. Nesta seção, apresentamos a propriedade omnipredicativa caracterizada pelo fato de que as principais entradas lexicais acessam a função predicativa

<sup>5</sup> Outras as características levantadas por Launey (1994) são: a) ausência de cópula; b) Índices de pessoas compartilhados por nomes e verbos; c) existência de verbos espaciais; d) morfema zero para marcar terceira pessoa; e) evidência de coindexação; f) ausência de marcação de caso; g) Marcação nuclear do genitivo; h) o mesmo comportamento em funções derivadas; i) cópula para marcar tempo; j) forma específica para marcar vocativo.

primariamente, isto é, classes principais de palavras, como a dos nomes e verbos, têm a mesma predisposição para exercerem a função de predicado, sem que qualquer uma delas precise ser alterada morfológicamente para tal.<sup>6</sup> Para tanto, descrevemos essa característica em Tupinambá, Apyãwa, Guajá e Nheengatú, relacionando-a com o maior ou menor grau de conservação do padrão tipológico omnipredicativo dessas línguas.

Em Tupinambá e Apyãwa, nomes e verbos podem ocorrer como predicado e argumento, sem necessidade de morfologia adicional que promova mudança de classe. A função predicativa não é morfológicamente marcada nem em nomes, como ilustrado nos exemplos (4) do Apyãwa e (5) do Tupinambá; nem em verbos, como em (6) do Apyãwa e (7) do Tupinambá.

NOME COMO PREDICADO

- (4) ***xe=ø-kypy'yr***      *h-er-a*      *iona'i-ø*      (Ap)  
 1SG.II=R-irmã      3.II-nome-RFR      Iona'i-RFR  
 'eu tenho irmã, o nome dela é Iona'i'  
 (Lit: (existe) minha irmã, o nome dela é Iona'i)

- (5) ***pajé-ø***      ***i-posáj***      (Tb)  
 pajé-RFR      3.II-remédio  
 'o pajé tem remédio'  
 (Lit.: (existe) remédio do pajé)  
 (Rodrigues 2001: 111; tradução nossa)

VERBO COMO PREDICADO

- (6) ***ka'i-ø***      ***a-xe'eg***      *a-ka-wo*      *'ywyřã-ø*      *r-e*      (Ap)  
 macaco-RFR      3.I-falar      3.III-estar-GER      árvore-RFR      R-sobre  
 'os macacos estão falando na árvore'

- (7) ***a-iur***      (Tb)  
 1SG.I-vir  
 'eu vim'  
 (Gregório, José. *Contribuição Indígena ao Brasil*, 1980 *apud* Navarro (1998: 75, nossa análise))

Para que nomes e verbos possam ocorrer como argumento, estes devem ser marcados pelo sufixo *-a* ~ *-ø*. De acordo com Queixalós (2006), o sufixo *-a* estabelece uma expressão que pode constituir referência em raízes que não podem referir por elas mesmas, uma vez que são primariamente predicados. Portanto, o sufixo *-a*, denominado de 'referenciante' pelo autor, constrói designações a partir de raízes lexicais predicativas, dado que elas não referem a nenhuma entidade por si mesmas. Observe que os nomes ***xe=ø-kypy'yr-a*** em (8) do Apyãwa e ***m-osáng-a*** em (9) do Tupinambá recebem o sufixo *-a* e, então, podem ocorrer como argumento. É importante observar que o sufixo *-a* não promove mudança de classe lexical, isto é, não é um nominalizador, uma vez que se combina tanto com nomes quanto com verbos.

<sup>6</sup> Apesar de nomes e verbos poderem funcionar como argumento e predicado, essas duas classes de palavras diferem claramente por suas propriedades morfológicas, uma vez que há morfemas exclusivos que se associam a cada uma das classes. Somente os verbos, por exemplo, podem receber morfemas nominalizadores (cf., por exemplo, Praça 2007).

NOME COMO ARGUMENTO

- (8) *xe=ø-kypy'yr-a*      *a-xaj'a*      *h-a-re*      (Ap)  
 1SG.II=R-irmã-RFR      3.I-chorar      3.II-ir-depois  
 'minha irmã chorou depois de ir'
- (9) *pajé-ø*      *m-osáng-a*      *o-j-kuáß*      (Tb)  
 pajé-RFR      INDEF-remédio-RFR      3.I-3.II-saber  
 'O pajé conhece o remédio' (Rodrigues 2001: 110; análise nossa)

VERBO COMO ARGUMENTO

- (10) *xe=ø-xe'eg-a*      *mĩ*      *i-ãrõãrõ*      (Ap)  
 1SG.II=R-falar-RFR      HAB      3.II-ser.bonito  
 'minha fala é sempre bonita'
- (11) *sjé=ø-ma?enwár*      *ne=r-úr-a*      *r-esé*      (Tb)  
 1SG.II=R-lembrar      2SG.II-R-vir-RFR      R-sobre  
 'lembro-me da sua vinda'  
 (Figueira 1687: 157-158 *apud* Rodrigues A. D., 1996; análise nossa)

De acordo com Rodrigues e Cabral (2002), o sufixo *-a* pode ser reconstruído para o Proto-Tupí-Guaraní. Ainda que os cognatos dessa forma sejam encontrados em todas as línguas da família, sua natureza continua provocando debate. Rodrigues (1953), Lemos-Barbosa (1956) e Almeida, Irmãzinhas de Jesus e Paula (1983) analisaram o sufixo *-a* como 'nominalizador'. Entretanto, como ilustrado em (8) a (11) acima, este sufixo pode ocorrer tanto com verbos quanto com nomes, o que, na nossa interpretação, impossibilita analisá-lo como nominalizador.

Outra hipótese de análise disponível na literatura é aquela que considera o sufixo *-a* como marca de caso. Dessa perspectiva, o sufixo foi chamado de índice nominal (Rodrigues 1953; Lemos Barbosa 1956), caso nominal (Rodrigues 1981; Jensen 1989); caso argumentativo (Rodrigues 1996, 2001; Praça 1999); caso nuclear (Seki 2000; Borges 2006), caso onomástico (Adelaar 1997). No entanto, como Rodrigues mesmo salienta, causa estranhamento a existência de apenas um caso para marcar as funções de nominativo, acusativo, ergativo, absolutivo, genitivo. Ademais, verificamos que esse sufixo não apenas ocorre em nomes em função de argumento, mas também em nomes em função de predicado nominal e em posição extra-oracional (como topicalizações e *afterthought*).

A análise adotada neste trabalho é aquela proposta por Queixalòs (2006) que, como citada anteriormente, propõe que o sufixo *-a* funciona como referenciante, *i.e.* permite "construir a referência em cima de uma raiz que, sozinha, é incapaz de referir devido à sua natureza de predicado". Para o autor, tal morfema seria usado para derivar expressões capazes de referir, ou seja, "designações", e não expressões que de fato referem, já que ele pode ser encontrado junto a nomes não referenciais, como exemplificado pelo Apyãwa em (12).

- (12) *ie ã-ino-patâr*      *i-xe'eg-a*      (Ap)  
 eu 1SG.I-escutar-querer      3.II-falar-RFR  
 'eu quero ouvir a fala dela'

Em muitas línguas desta família, o sufixo *-a* desapareceu completamente, ou manteve-se associado à raiz, perdendo suas propriedades morfológicas. Entretanto, em Apyãwa e Tupinambá, a ocorrência deste sufixo é muito produtiva. Esta produtividade pode estar intrinsecamente relacionada à forte omni-predicatividade que existe nestas línguas já que, como nomes e verbos funcionam intrinsecamente predicado, tais itens lexicais requerem a presença do morfema mencionado para serem capazes de referir, e, conseqüentemente, poderem exercer a função de argumento.

Como exemplificado em (10) e (11) acima, verbos flexionados pelo referenciante *-a* podem ocorrer como argumento. Observe que o verbo que ocorre em (10) com *-a* no Apyãwa pode ser nominalizado como em (13) abaixo. Além disso, verbos nominalizados podem ser também sufixados por um referenciante:

- (13) *ie ã-enow* *ne=ø-xe'eg-ãw-a* (Ap)  
 eu 1SG.I-escutar 2SG.II=R-falar-NMLZ-RFR  
 'Escutei tua falação.'

Mesmo formas nominais derivadas, *i. e.*, aquelas formas deverbais formadas por nominalização, são inerentemente predicados. Por exemplo, em (14a) do Apyãwa, a forma nominalizada *xe=r-o 'y-pepa-kyxi-ãw* ocorre como predicado existencial, traduzido como '(existe) minha tesoura'. Ao receber o sufixo referenciante, a forma nominalizada torna-se capaz de referir e, assim, pode funcionar como argumento, como em (14b).

- (14a) *xe=r-o 'y-pepa-kyxi-ãw* (Ap)  
 1SG.II=R-flecha-asa-cortar-NMLZ  
 'Tenho tesoura' (lit: (existe) minha tesoura)
- (14b) *e-m-or=ãpy* *ne=r-o 'y-pepa-kyxi-ãw-ã* (Ap)  
 2SG.IMP-CAUS-vir=primeiro 2SG.II=R- flecha-asa-cortar-NMLZ-RFR  
 'Empreste-me a sua tesoura, por favor'

O Guajá e o Nheengatú, línguas que vêm perdendo gradativamente as suas características omni-predicativas mais prototípicas, já não permitem que verbos funcionem como argumento sem que sejam antes nominalizados, apesar de que ambas as classes, nomes e verbos, funcionam primariamente como predicado, como ilustrado em (15), (17) e (18) no Guajá e (16) e (19), no Nheengatú. As línguas diferem, no entanto, pelo fato de que no Guajá, assim como em Tupinambá e Apyãwa, os predicados nominais podem ser de dois tipos: predicado nominal existencial, como em (17), e predicado nominal equativo/inclusivo, como em (18); ao passo que em Nheengatú, os predicados nominais apenas funcionam como equativo/inclusivo, como em (19).<sup>7</sup>

VERBO COMO PREDICADO

- (15) *jawaruhu-a o-ho* (Gj)  
 onça-RFR 3.I-ir  
 'a onça foi embora'

<sup>7</sup>No Nheengatú, os predicados existenciais são formados por meio de uma partícula específica para essa função (cf. Cruz 2011).



- (16) *jawarete* *u-su=wã* (Nh)  
 onça 3.SG.I-ir=PFT  
 ‘a onça já foi embora’

NOMES COMO PREDICADO

- (17) *ha=r-a’y* *jaha* (Gj)  
 1SG.II=R-filho eu  
 ‘eu tenho filho’  
 (Lit.: ‘(existe) meu filho’)

- (18) *ha=r-a’yr-a* *jaha* (Gj)  
 1SG.II=R-filho-RFR eu  
 ‘eu sou seu filho’

- (19) *ixe baniwa* (Nh)  
 eu Baniwa  
 ‘eu sou Baniwa’

Como afirmado acima, no Guajá e no Nheengatú, para que verbos funcionem como argumento devem ser nominalizados, como ilustram os exemplos (20), no Guajá e (21), no Nheengatú.

VERBOS NOMINALIZADOS COMO ARGUMENTO

- (20) *ha= ø-kere-ha-ø* *i-muku* (Gj)  
 1SG.II=R-dormir-NMLZ-RFR 3.II-ser.longo  
 ‘minha dormida foi longa’

- (21) *u-mu-aiwa* *ya-manduai-as* (Nh)  
 3.I-CAUS-estragar 1PL.I-lembrar-NMLZ  
 ‘(isso) estraga o nosso pensamento’

No Guajá, a função do morfema *-a* também pode ser considerada como referenciante, como nas línguas Tupinambá e Apyãwa. No entanto, esse sufixo ocorre exclusivamente com nomes, como em (22), nunca com raízes verbais não nominalizadas. Observe que, em (17), *ha=r-a’y* ‘meu filho’ ocorre como predicado sem o sufixo *-a*, ao passo que em (18) e (22), a mesma forma ocorre com o sufixo *-a*, funcionando como um nome capaz de referir. Esse nome que refere pode, por sua vez, ocorrer como argumento, como em (22) abaixo, ou como predicado equativo/inclusivo, como em (18) acima.

- (22) *ha=r-a’yr-a* *ø-kere* (Gj)  
 1SG.II=R-filho-NMLZ 3.I-dormir  
 ‘meu filho dormiu’

Já em Nheengatú, o morfema *-a* foi fossilizado à raiz de muitos itens lexicais. Pelo menos até o século XVIII, há indícios de que a forma ainda possuía função morfológica (Santos e Cruz 2015). O exemplo (23) mostra o referido morfema fossilizado na raiz do nome ‘filho’. O exemplo (24), por sua vez, ilustra o antigo morfema *-a* atualmente como parte da raiz verbal estativa.

(23) *amu ita tu-rasu te ta-raira* (Nh)  
 outro PL 3.PL.I-levar FOC 3.PL.II-filho  
 ‘os outros levavam os filhos’

(24) *inde sasiara* (Nh)  
 você ser.triste  
 ‘você está triste’

O que podemos concluir a partir da análise dos dados das quatro línguas é que o caráter omnipredicativo das línguas Tupinambá e Apyãwa se deve em grande parte pelo fato de ambas as línguas conservarem a característica de permitir que nomes e verbos funcionem primariamente como predicado e, flexionadas pelo sufixo *-a*, como argumento. No Guajá e no Nheengatú, por sua vez, línguas menos conservadoras no que diz respeito a esse fenômeno, os verbos só exercem a função de argumento quando recebem nominalizadores.

Neste artigo, além de mostrar que nomes e verbos funcionam como predicados nas línguas aqui analisadas, enfocaremos a propriedade de os sintagmas adverbiais e posposicionais também funcionarem como predicados sem necessidade de cópula, como veremos na próxima seção. A partir dessa observação, analisaremos a possibilidade de esses sintagmas adverbiais e posposicionais em função de predicado ocorrerem em primeira posição, ativando o sistema conhecido na literatura especializada como “Indicativo II” e aqui tratado como um caso particular de nominalização.

#### 4. Expressões adverbiais como predicado

Em Apyãwa, em Guajá e em Nheengatú, expressões adverbiais podem funcionar como predicado sem necessidade de cópula. Possivelmente essa estrutura também ocorria em Tupinambá, no entanto, não encontramos na literatura disponível sobre a língua dados que a atestem. O exemplo (25a) abaixo, ilustra um sintagma posposicional em função de predicado em Guajá. Observe que em (25a) o nome *tapi'ir-a*, flexionado pelo sufixo *-a*, funciona como argumento único do predicado adverbial *ka'a-pe*. O exemplo (25a) contrasta com (25b), em que o mesmo nome, sem o sufixo *-a*, ocorre como predicado existencial, enquanto a expressão adverbial ocorre como adjunto. Similarmente, no exemplo (26a) do Apyãwa, a expressão adverbial também funciona como predicado, exigindo um argumento *tãpi'ir-a*, flexionado pelo sufixo referenciante *-a*. Em (26b), também do Apyãwa, observamos que o nome funciona como predicado existencial na ausência do referido sufixo. Da mesma maneira que nas outras línguas, em Nheengatú, as expressões adverbiais podem ocorrer como predicado, como em (27).

(25a) *tapi'ir-a ka'a-pe* (Gj)  
 anta-RFR mato-LOC  
 ‘A anta está no mato’

|       |  |                            |      |
|-------|--|----------------------------|------|
| (25b) | <i>tapi'i</i><br>anta<br>'Tem anta no mato'<br>(Lit.: (Existe) anta no mato) | <i>ka'a-pe</i><br>mato-LOC | (Gj) |
| (26a) | <i>tāpi'ir-a</i><br>anta-RFR<br>'A anta está no mato'                        | <i>ka'ã-pe</i><br>mato-LOC | (Ap) |
| (26b) | <i>tāpi'ir</i><br>anta<br>'Tem anta'<br>(Lit.: (Existe) anta)                |                            | (Ap) |
| (27)  | <i>tapira</i><br>anta<br>'A anta está no mato'                               | <i>ka'a-pe</i><br>mato-LOC | (Nh) |

Deve-se observar que a propriedade de sintagmas adverbiais e posposicionais ocorrerem como predicado sem necessidade de cópula é uma característica extremamente conservadora em línguas omnipredicativas. Mesmo em Nahuatl Clássico, língua prototipicamente omnipredicativa, os sintagmas adverbiais não podem ocorrer como predicado (Launey 1994).

Cabe ressaltar, porém, que essa construção de predicado adverbial sem cópula contrasta com construções com predicado verbal *iku* 'estar em movimento' ~ 'estar' e com o advérbio funcionando como adjunto, como ilustrado em (28b) do Apyãwa, (29) do Guajá, e (30) do Nheengatú.

|       |   |  |                                     |      |
|-------|---|--|-------------------------------------|------|
| (28a) | <i>wetepe</i><br>muitos                               | <i>kã'i</i><br>macaco                  | <i>kã'ã-pe</i><br>mato-LOC          | (Ap) |
|       | 'Muitos macacos estão no mato'                        |  |                                     |      |
| (28b) | <i>kã'i-ø</i><br>macaco-RFR                           | <i>a-ka</i><br>3I-estar                | <i>zologico-pe</i><br>zoológico-LOC | (Ap) |
|       | 'O macaco está no zoológico'                          |  |                                     |      |
| (29)  | <i>tapi'ir-a</i><br>anta-RFR<br>'A anta está no mato' | <i>ø-iku</i><br>3.I-estar.em.movimento | <i>ka'a-pe</i><br>mato-LOC          | (Gj) |
| (30)  | <i>tapira</i><br>anta<br>'A anta está no mato'        | <i>u-iku</i><br>3.I-estar              | <i>ka'a-pe</i><br>mato-LOC          | (Nh) |

Nas três línguas, a emergência da construção com verbo *ka* 'estar ~ estar em movimento' em Apyãwa, *iku* 'estar em movimento' em Guajá e *iku* 'estar' em Nheengatú está relacionada à distinção entre aspecto inerente, caso da construção com predicado adverbial em (25a), (26a), (27) e (28a), e aspecto contingente, caso da construção com

predicado verbal em (28b), (29), (30). É particularmente esclarecedor o contraste entre os exemplos (28a) e (28b) do Apyãwa. Em (28a), a construção com predicado adverbial permite expressar a situação em que macacos são situados em seu habitat natural, ao passo que, em (28b), a construção com predicado verbal é utilizada para expressar a situação em que macacos são situados fora de seu habitat natural.

Uma evidência a favor dessa interpretação aspectual da diferença entre a construção com predicado adverbial e da construção com predicado verbal provém da gramaticalização do verbo *iku* ‘estar em movimento’ em partícula de aspecto progressivo *ika* em Guajá, como ilustrado em (31), e em verbo auxiliar de progressivo em Nheengatú, como em (32). Combinado a verbos estativos, o auxiliar de progressivo *iku* permite criar a distinção entre a atribuição de uma propriedade inerente, caso da construção sem verbo auxiliar em (33a), e a atribuição de uma propriedade contingente, caso da construção com verbo auxiliar em (33b).

(31) *tapi'ir-a*      *u-'u*                      *ika*      *ka'a-pe*                      (Gj)  
 anta-RFR      3.I-comer                      PROG      mato-LOC  
 ‘A anta está comendo no mato’

(32) *ta-pui*              *ta-iku*                      (Nh)  
 3PL.I-pular      3PL.I-estar  
 ‘Estavam pulando’.

(33a) *ae*                      *puranga*                      (Nh)  
 DEM                      ser.bonito  
 ‘Isso é bom’

(33b) *kui*                      *puranga*      *u-iku*                      (Nh)  
 agora                      ser.bonito      3SG.I-estar  
 ‘Agora está bom’

Em Apyãwa, o verbo *ka* ‘estar ~ estar em movimento’, para funcionar como verbo auxiliar de progressivo, precisa ser flexionado com os prefixos da Série III e ainda receber o sufixo *-wo* ~ *-a* ~ *-ta*, tradicionalmente conhecido como marcador de gerúndio,<sup>8</sup> como exemplificado em (34). As construções de gerúndio são um tipo de subordinadas adverbiais, nas quais há correferencialidade do seu sujeito com o sujeito da oração matriz.<sup>9</sup>

(34) *xixin-i-ø*                      *a-wewe*      *a-ka-wo*                      (Ap)  
 libélula-ATE- RFR      3.I-voar      3.III-estar-GER  
 ‘a libelulazinha está voando’

<sup>8</sup> Para análise da construção chamada de gerúndio em línguas da família Tupí-Guaraní, cf. Anchieta 1595, Figueira 1687 [1621] para o Tupinambá, Ruiz de Montoya 1640) para o Guaraní, Rodrigues (1953); Seki (2000) e Praça (2007) para o Apyãwa.

<sup>9</sup> Este tipo de construção foi interpretado de maneira diferentes por outros autores, como, por exemplo, Jensen (1999), que analisa essa estrutura como formada por verbos seriais.

Nossa hipótese é a de que a emergência das construções locativas com verbo *ka* do *Apyãwa*, e seus cognatos *iku* em Nheengatú e *ika* em Guajá, indique um processo de perda da omnipredicatividade, uma vez que gradativamente as expressões adverbiais começam a ter a sua capacidade de ocorrer como predicado restringida ao aspecto inerente. É possível que futuramente essa construção com predicado verbal passe a se tornar a mais frequente até que substitua completamente a construção com predicado adverbial.

### 5. Construções com sintagmas adverbiais antepostos

Como vimos anteriormente, em Tupinambá, sintagmas adverbiais e posposicionais em primeira posição ativam uma mudança morfológica na expressão dos prefixos pessoais em verbos ativos – construção conhecida tradicionalmente como Indicativo II (Rodrigues 1953) e ilustrada pelo contraste entre o exemplo (1) e os exemplos (2) e (3), reenumerados aqui como (35), (36) e (37), respectivamente. Em (35) o verbo ocorre com um prefixo da série I, ao passo que em (36) e (37), o verbo ocorre com prefixos da série II. Ademais, o verbo sofre uma transformação morfológica por meio do sufixo *-u ~ -i*, glosado aqui como ‘nominalizador.’

(35) *a-so* (Tb)  
1SG.I-ir  
‘Eu fui’

(36) *kwese xe-so-û* (Tb)  
ontem 1SG.II-ir-NMLZ  
‘Ontem fui’

(37) *kwesé i-só-û* (Tb)  
ontem 3.II-ir-NMLZ  
‘ontem ele foi’

Em Tupinambá, o sintagma adverbial na posição inicial engatilha a transformação do verbo descrita acima quando este é ativo e marcado por prefixos de primeira pessoa, como em (36), e de terceira pessoa, como em (37). Em *Apyãwa* e em *Guajá*, o uso dessa estrutura restringiu-se à terceira pessoa, como ilustrado em (38) e (39), respectivamente.

(38) *ãxiwe rô'ô i-moo-i a-men-a* (Ap)  
amanhã N.ASS 3.NA-pintar-NMLZ 3.CO-marido-RFR  
‘parece que é amanhã que elas pintarão os maridos delas’

(39) *terê Ø-pepe i-ho-ni* (Gj)  
trem R-em 3SG.NA-ir-NMLZ  
‘Por trem, ele foi’

As duas línguas diferem pelo fato de que, em *Guajá*, utiliza-se o sufixo *-ni*, interpretado como nominalizador na análise das demais línguas, não somente com predicados cujo núcleo é um verbo ativo (39), mas também com predicados cujo núcleo é um verbo estativo, como em (40), ou com predicados existenciais cujo núcleo é um nome, como em (41).

(40) *mõ kararahu i-kira-ni mimehẽ* (Gj)  
 Q paca 3SG.NA-ser.gordo-NMLZ quando  
 ‘quando a paca estará gorda?’

(41) *kwa kwarahy-ni mĩ-pe* (Gj)  
 MOSTR sol-NMLZ longe-LOC  
 ‘Há sol (longe)’

Na língua mais inovadora, o Nheengatú, o sintagma adverbial não leva à nenhuma transformação no verbo, como exemplificado em (42) e (43) abaixo.

(42) *kuxima ya-puraki piasawa* (Nh)  
 antigamente 1PL.I-trabalhar piaçava  
 ‘Antigamente trabalhávamos com a piaçava.’

(43) *a-rire=wã kua kariwa ta-sika* (Nh)  
 DEM-depois=PFT DEM não.indígena 3PL.I-chegar  
 ‘Depois disso, os brancos chegaram.’

A comparação entre essas línguas sugere que o sufixo *-u ~ -i* do Tupinambá, assim como seus cognatos nas línguas Apyãwa e Guajá, deve ser reanalisado como um nominalizador. A hipótese defendida neste trabalho é a de que a expressão adverbial na primeira posição se torna o predicado principal e o antigo predicado principal é, por consequência, nominalizado, por passar a funcionar como um argumento do predicado adverbial.

Como outros predicados, os predicados adverbiais podem ser monovalentes, se formados por um advérbio simples, ou divalentes, se formados por sintagmas adverbiais. Aqueles exigem apenas um argumento externo, enquanto estes ocorrem com dois argumentos, um interno e outro externo. No exemplo (38) acima, reproduzido abaixo como (44), o predicado *ãxiwe* ‘(ser) amanhã’ seleciona como argumento único, externo, o sintagma nominal, constituído por nominalização, *i-moo-i a-men-a*, traduzido a grosso modo por ‘[o evento de] pintarem os maridos delas’.

(44) *ãxiwe rõ'õ i-moo-i a-men-a* (Ap)  
 amanhã N.ASS 3.NA-pintar-NMLZ 3.CO-marido-RFR  
 ‘parece que é amanhã que elas pintarão os maridos delas’

Já em (39), reproduzido abaixo como (45), o predicado adverbial que tem como núcleo a posposição *-pepe*, tem como argumento interno o nome *terẽ* e como argumento externo a oração nominalizada *i-ho-ni* ‘[o evento de] ele ir’. A justificativa para essa análise é a de que nessas línguas os sintagmas adverbiais e posposicionais são capazes de predicar e, como predicados, exigem argumentos. Assim, ao ocorrer na primeira posição, a expressão adverbial manteria sua função de predicado e continuaria a exigir argumento externo, se monovalente, ou argumento interno e externo, se divalente. O antigo predicado principal, agora nominalizado por meio do sufixo *-u ~ -i* do Tupinambá e seus cognatos, em Apyãwa e Guajá, passa, então, a exercer tal função.

- |      |                     |               |                |      |
|------|---------------------|---------------|----------------|------|
| (45) | <i>terẽ</i>         | <i>Ø-pepe</i> | <i>i-ho-ni</i> | (Gj) |
|      | trem                | R-em          | 3SG.NA-ir-NMLZ |      |
|      | 'Por trem, ele foi' |               |                |      |

Se essa hipótese estiver correta, as construções em (36) a (41), que ilustram o fenômeno aqui investigado, seriam paralelas às construções apresentadas nos exemplos (25a) e (26a), repetidos abaixo como (46) e (47) respectivamente. Em todas essas sentenças, ocorre um predicado adverbial que seleciona um argumento externo constituído por um sintagma nominal. A diferença seria apenas a de que em (46) do Guajá e (47) do Apyãwa, o sintagma nominal em função de argumento tem como núcleo um nome simples, flexionado pelo sufixo *-a*, ao passo que em (36) a (41), o sintagma nominal em função de argumento é constituído por uma expressão nominalizada.

- |      |                       |                |      |
|------|-----------------------|----------------|------|
| (46) | <i>tapi'ir-a</i>      | <i>ka'a-pe</i> | (Gj) |
|      | anta-RFR              | mato-LOC       |      |
|      | 'A anta está no mato' |                |      |

- |      |                       |                |      |
|------|-----------------------|----------------|------|
| (47) | <i>tãpi'ir-a</i>      | <i>ka'ã-pe</i> | (Ap) |
|      | anta-RFR              | mato-LOC       |      |
|      | 'A anta está no mato' |                |      |

Para reforçar essa hipótese, cabe aqui apresentar algumas propriedades formais das nominalizações em línguas Tupí-Guaraní, de modo a observamos como o padrão chamado previamente de Indicativo II apresenta propriedades compatíveis com outras nominalizações na família. Na família Tupí-Guaraní, as nominalizações são muito produtivas, de modo que em uma das línguas mais conservadoras, o Tupinambá, há oito nominalizações (Rodrigues 1953 e 2010). Em sua maioria, as nominalizações são constituídas por sufixos, havendo apenas uma exceção.<sup>10</sup> Em termos formais, as nominalizações compartilham com nomes a compatibilidade com prefixos da série II e com o prefixo relacional. Podemos dizer que as nominalizações formam nomes que têm sempre um complemento nominal como modificador, expresso por meio dos índices de pessoa da Série II como em (48) do Apyãwa e (49) do Tupinambá, ou por sintagmas nominais como em (50) em Apyãwa. A ocorrência da Série II está condicionada à presença do prefixo relacional *r- ~ Ø- ~ n-*, salvo com a terceira pessoa. Por uma particularidade, a 3ª pessoa da Série II é constituída por prefixos, ao passo que as demais pessoas são expressas por clíticos. O relacional indica a relação de constituição entre o núcleo (à direita) e seu complemento (ou argumento interno,) à esquerda.

- |      |                                |                   |                                  |      |
|------|--------------------------------|-------------------|----------------------------------|------|
| (48) | <i>ie-Ø</i>                    | <i>n=ã-ixãk-i</i> | <i>ne=Ø-xe-rakwã-ãw-ã</i>        | (Ap) |
|      | 1SG-RFR                        | não=3.I-ver-NEG   | 2SG.II=R-REF-escorregar- NMZ-RFR |      |
|      | 'eu não vi a sua escorregação' |                   |                                  |      |

<sup>10</sup> O único nominalizador que ocorre sob a forma de prefixo é reconstruído para o Proto-Tupí-Guaraní como *\*mi-* 'nominalização de objeto' (Rodrigues, Cabral e Corrêa-da-Silva 2006).

- (49) *xere=ø-ypy-ø*                      *agỹ-ø*    *r-emi-ãpa-ø*                      *xawie*                      (Ap)  
 1incl.II=R-primeiro-RFR    PL-RFR    R- NMZ:RES-fazer-RFR                      POS  
 ‘iguais aos feitos pelos nossos antigos’  
 (Referindo-se aos cestos e peneira que um jovem Tapirapé aprendeu a fazer, apenas olhando fotografias antigas desses objetos)
- (50) *ajêté*                      *kó*                      *né*                      *r-apé-0*                      *a'é*                      *né=r-emi-ekár-a*                      (Tb)  
 in.reality    DEM    2SG.II    R-way-RFR    DEM    2SG.II=R-NMZ:RES-look-RFR  
 ‘Na realidade, esse é o seu caminho, isso é o que você procura’  
 (Anchieta *apud* Rodrigues *et al* (2006: 24), tradução nossa)

Em Tupinambá, a construção conhecida como indicativo II tem o seu funcionamento semelhante ao das nominalizações e subordinações<sup>11</sup> em geral, uma vez que a construção adota um alinhamento ergativo. Como se pode observar nos exemplos a seguir, os argumentos internos dos sintagmas verbais são expressos da mesma maneira que nas nominalizações e subordinações, *i.e.*, com os marcadores de pessoa da Série II, como exemplificado em (51) e (52). Quando o determinante é um sintagma nominal, a relação de dependência é assinalada com prefixação do relational no núcleo da construção, como ilustrado em (53).

- (51) *kwesé*                      *pajé-ø*                      *xé=ø-suban-i*                      (Ap)  
 ontem                      pajé-RFR                      1.II=R-chupar- NMZ  
 ‘ontem o pajé me chupou’
- (52) *kwesé*                      *pajé-ø*                      *i-suban-i*                      (Ap)  
 ontem                      pajé-RFR                      3.II-chupar-I2  
 ‘ontem o pajé o chupou’
- (53) *kwesé*                      *xé=r-ažýr-a*                      *xé=r-aiýr-a*                      *r-epiak-i*                      (Ap)  
 ontem                      1.II=R-filho-RFR                      1.II=R-filha-RFR                      R-ver-NMLZ  
 ‘ontem meu filho viu minha filha’

É importante esclarecer, ainda, que a interpretação desse sufixo como nominalizador não é a mais adequada no caso da análise dos dados da língua Guajá, uma vez que nessa língua ele ocorre também com predicados que têm como núcleo nomes, como ilustrado no exemplo (41) acima. Entendemos que a melhor explicação para essa estrutura no Guajá é a de que o antigo predicado principal se torna, não necessariamente um argumento do predicado adverbial, mas passa a ser subordinado a ele, subordinação esta evidenciada pela perda de suas características mais finitas, como a substituição das marcas pessoais da série I pelas da série II.

<sup>11</sup> Para um estudo sobre as propriedades comuns entre nominalizações e subordinações em línguas da família Tupi-Guarani, cf. Cabral & Rodrigues (2005).



## 6. Considerações finais

Neste trabalho, comparamos construções com sintagmas adverbiais e posposicionais em quatro línguas Tupí-Guaraní: Apyãwa, Guajá, Tupinambá e sua descendente Nheengatú. Em todas essas línguas, sintagmas adverbiais e posposicionais podem ocorrer como predicado, sem a necessidade de cópula. Em Tupinambá, sintagmas adverbiais e posposicionais na primeira posição da sentença ativam um processo de nominalização quando o verbo é ativo e marcado por prefixo de primeira e terceira pessoa. Não há informações suficientes a respeito dessa construção com verbos estativos ou com predicados existenciais. Em Apyãwa, sintagmas adverbiais e posposicionais em primeira posição ativam a nominalização quando o verbo é ativo e marcado por prefixos de terceira pessoa. Em Guajá, sintagmas posposicionais em primeira posição tornam subordinados os predicados existenciais, os predicados cujo núcleo é um verbo estativo, e os predicados cujo núcleo é um verbo ativo, marcado por prefixos de terceira pessoa. No estágio atual desta pesquisa, não é possível verificar se a ocorrência desse fenômeno com verbos estativos e com predicados nominais é uma característica inovadora do Guajá ou se teria sido a única língua até agora registrada que teria mantido essa estrutura em todos os tipos de predicado. Por fim, na língua mais inovadora, Nheengatú, não há qualquer mudança morfológica quando sintagmas adverbiais ou posposicionais ocorrem em primeira posição.

O quadro 1 abaixo resume as especificidades dos sintagmas adverbiais e posposicionais funcionando como predicado em primeira posição da sentença nas línguas analisadas neste estudo.

**Quadro 1:** Nominalização ativada por sintagmas adverbiais e posposicionais em primeira posição

| Línguas   | Verbos ativos |            |            | Verbos estativos /<br>predicados não verbais |
|-----------|---------------|------------|------------|--|
|           | 1a. pessoa    | 2a. pessoa | 3a. Pessoa |  |
| Tupinambá | √             | ----       | √          | ----   |
| Apyãwa    | ----          | ----       | √          | ----   |
| Guajá     | ----          | ----       | √          | √  |
| Nheengatú | ----          | ----       | ----       | ----   |

Numa perspectiva mais ampla, o artigo discute a possibilidade de essa construção estar correlacionada ao padrão omnipredicativo como definido por Launey (1994) e, dessa maneira, a perda do grau de omnipredicatividade teria como consequência a perda da referida nominalização, caso ilustrado pelo Nheengatú. Mais especificamente, defendemos existir uma correlação entre a perda da propriedade omnipredicativa de todas as entradas lexicais principais funcionarem como predicado e a reestruturação da construção com sintagmas adverbiais e posposicionais em primeira posição.

## Referências

- Almeida, Antônio; Irmãzinhas de Jesus; Paula, Luiz Gouvêa de (1983). *A língua Tapirapé*. Rio de Janeiro: Xerox do Brasil.
- Anchieta, José (1990 [1595]). *Artes de gramática da língua mais usada na Costa do Brasil*. Edição fac-similar da primeira edição. São Paulo: Loyola.
- Anchieta, José (1977 [século XVI]). *Teatro de Anchieta*. Originais acompanhados de tradução verificada, introdução e notas pelo Pe. Armando Cardoso S. J., vol. III. São Paulo: Edições Loyola.
- Araújo, Antonio (1618). *Catecismo na língua brasileira*. Lisbon: P. Crasbeeck.
- Bybee, Joan; Perkins, Revere; Pagliuca, William (1994). *The evolution of grammar: tense, aspect, and modality in the languages of the world*. Chicago e Londres: The University of Chicago Press.
- Cabral, Ana Suely Arruda Câmara; Rodrigues, Aryon Dall’Igna (2005). O desenvolvimento do gerúndio e do subjuntivo em Tupi-Guarani. In Aryon Dall’Igna Rodrigues; Ana Suely A. C. (orgs.). *Novos estudos sobre línguas indígenas* 1, pp. 47-58. Brasília: Editora da UnB.
- Cruz, Aline da (2011). *Fonologia e gramática do Nheengatú: a língua geral falada pelos povos Baré, Warekena e Baniwa*. Utrecht, Países Baixos: LOT. Disponível em: <http://www.lotpublications.nl/publish/issues/Cruz/index.html>
- Cruz, Aline da; Praça, Walkiria Neiva (em preparação). Innovation in nominalization in Tupi-Guarani languages. In Matt Shibatani; Roberto Zariquiey. *Nominalization in South American Indigenous Languages*.
- Figueira, Luís (1880 [1621]). *Arte de gramatica da lingua brasileira*. Rio de Janeiro: Lombaerts & C.
- Hale, Ken (1983). Warlpiri and the grammar of non-configurational languages. *NLLT. Natural Language & Linguistic Theory* 1: 5-47.
- Jensen, Cheryl (1990). Cross-referencing changes in some Tupi-Guarani languages. In Doris L. Payne (org.). *Amazonian linguistics: Studies in Lowland South American languages*, pp. 117-158. Austin: University of Texas.
- Jensen, Cheryl (1999). Tupi-Guarani. In R. M. W. Dixon; Alexandra Y. Aikhenvald (orgs.). *The Amazonian languages*, pp 125-163. Cambridge: Cambridge University Press.
- Launey, M. (1994). *Une grammaire omniprédicative. Essai sur la morphosyntaxe du nahuatl*. Paris: CNRS Editions.
- Leite, Yonne (1990). Para uma tipologia ativa do Tapirapé. Os clíticos referenciais de pessoa. *Cadernos de Estudos Linguísticos* 18: 37-56.
- Lemos Barbosa, Antônio (1956). *Curso de tupi antigo*. Rio de Janeiro: Livraria São José.
- Magalhães, Marina Maria Silva (2007). *Sobre a morfologia e a sintaxe da língua Guajá*. (Tese de doutorado). Brasília: UnB. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/tese:magalhaes-2007>
- Moore, Denny; Facundes, Sidney; Pires, Nádia (1993). Nheengatu (LGA), it’s history, and effects of language contact. *Proceedings of the meeting of the society for the study of the indigenous languages of the Americas* 2 (4): 93 – 118.
- Moseley, Christopher (ed.) (2010). *Atlas of the World’s Languages in Danger*. 3rd ed. Paris: UNESCO Publishing. Disponível em: <http://www.unesco.org/culture/en/endangeredlanguages/atlas>

- Montoya, Antonio Ruiz de (1993 [1640]). *Arte de la lengua guaraní*. Edição fac-similar. Transcrição por Antonio Caballos. Introdução por Bartomeu Melià. Asunción: CEPAG.
- Navarro, Eduardo de Almeida (1998). *Método moderno de tupi antigo: a língua do Brasil dos primeiros séculos*. São Paulo: Editora Vozes.
- Nordström, Jackie (2010). *Modality and subordinators*. Amsterdam e Philadelphia: John Benjamins.
- Palmer, F. R. (2001). *Mood and modality*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Praça, Walkíria Neiva (1999). *Nomes como predicados na língua Tapirapé* (Dissertação de mestrado). Brasília: UnB.
- Praça, Walkíria Neiva (2007). *Morfossintaxe da língua Tapirapé* (Tese de doutorado). Brasília:UnB. Disponível em: <http://www.etnolingustica.org/tese:praca-2007>
- Praça, Walkíria Neiva (2001). Sobre o indicativo II no tapirapé. In Ana Suelly Arruda Câmara Cabral; Aryon Dall'Igna Rodrigues (orgs.). *Estudo sobre língua indígenas I*, pp. 167-176. Belém: UFPA.
- Queixalós, Francesc (2006). The primacy and fate of predicativity in Tupi-Guarani. In Lois Ximena; Valentina Vapnasky (orgs.). *Lexical categories and root classes in Amerindian Languages*, pp. 249 - 288. Bern: Peter Lang Publishing.
- Rodrigues, Aryon Dall'Igna (1953). Morfologia do verbo Tupi. *Letras* 1: 121-152.
- Rodrigues, Aryon Dall'Igna (1981). *Estrutura do Tupinambá*. Notas do curso ministrado na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). ms. inédito.
- Rodrigues, Aryon Dall'Igna (2010). Estrutura do Tupinambá. In Aryon Dall'Igna Rodrigues; Ana Suelly Arruda Câmara Cabral. *Língua e culturas Tupi*, pp. 11-42. Brasília e Campinas: LALI e Nimuendajú.
- Rodrigues, Aryon Dall'Igna; Cabral, Ana Suelly Arruda Câmara (2002). Revendo a classificação interna da família Tupi-Guarani. In Aryon D. Rodrigues e Ana Suelly A. C. C. (orgs.). *Línguas indígenas Brasileiras. fonologia, gramática e história [Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL]*. Tomo I, pp 327-337. Belém: Editora Universitária Pará.
- Rodrigues, Aryon Dall'Igna; Cabral, Ana Suelly Arruda Câmara; Corrêa-da-Silva, Beatriz Carreta (2006). Evidências linguísticas para a reconstrução de um nominalizador de objeto \*-mi- em Proto-Tupi. *Estudos da Língua(gem)* 4(2): 21-39.
- Santos, Bárbara Heliodora; Cruz, Aline da (2015). Tipos de adaptações realizadas nos empréstimos do Português para a língua Geral Brasileira no século XVIII. *Simpósio de Línguas Indígenas da Amazônia*. Macapá: UFAP. (Comunicação de pesquisa).
- Seki, Lucy (2000). *Gramática do Kamaiurá - Língua Tupi-Guarani do Alto Xingu*. Campinas e São Paulo: Editora da Unicamp e Imprensa Oficial.

## Abreviaturas

|     |                 |
|-----|-----------------|
| 1   | primeira pessoa |
| 2   | segunda pessoa  |
| 3   | terceira pessoa |
| ALL | Alativo         |
| ATE | Atenuativo      |

|       |                             |
|-------|-----------------------------|
| AUM   | Aumentativo                 |
| CAUS  | Causative                   |
| CC    | Causativo comitativo        |
| COM   | Comitativo                  |
| COMPL | Completivo                  |
| CONJ  | Conjunção                   |
| DEM   | Demonstrativo               |
| FOC   | Foco                        |
| IMP   | Imperfectivo                |
| INDEF | Indefinido                  |
| LOC   | Locative                    |
| MOSTR | Partícula mostrativa        |
| NARP  | Passado remoto não atestado |
| NASS  | Não assertivo               |
| NEG   | Negação                     |
| NMLZ  | Nominalizador               |
| NP    | Passado nominal             |
| PERL  | Perlatoivo                  |
| PFV   | Perfectivo                  |
| PL    | Plural                      |
| POS   | Posposição                  |
| R     | Relacional                  |
| RFR   | Referenciante               |
| R/R   | Reflexivo / recíproco       |
| S.D   | Demonstrativo espacial      |
| SG    | Singular                    |

Recebido: 15/9/2016

Versión revista e corrigida: 23/2/ 2017

Aceito: 1/3/2017.